

Guardiões da Memória: uma análise dos elementos constituintes de memória a partir da obra Vozes de Tchernóbil.

Cleyton da Silva Santos¹

RESUMO: Este ensaio tem como finalidade discutir os elementos que constitui a memória a partir de uma experiência traumática e, como se dá a construção de temporalidades diversas a partir do relato oral. Para tal, usaremos como fonte de análise, um monólogo presente no livro: Vozes de Tchernóbil, da autora ucraniana Svetlana Aleksievich. Assim, conceitos como memória e identidade, história e memória, memória coletiva e individual serão discutidos no decorrer do texto. Para iniciarmos a discussão, retornamos ao fato, a explosão da base nuclear da Belarús que ocorreu em 1986, a maior catástrofe tecnológica do século. A partir dos registros orais capturados pela a autora, buscamos discutir como se dá a construção de uma memória traumática e a construção de uma identidade. A partir desta análise, buscamos fazer uma distinção entre história e memória e em que seus usos influem. Como referencial teórico, usamos autores como Fernando Catroga para discutir a relação entre memória e história. Verena Alberti nos mostra a riqueza de se trabalhar com história oral. A partir da recordação é possível dá novas versões ao passado, logo se essa re-presentificação não for praticada, a memória se degradará com a ação do tempo. Com François Hortog discutiremos as experiências no tempo, entre diversos autores que nos auxiliam a compreender a memória como um lugar de disputas. Fazemos uso da história das sensibilidades para analisarmos os modos de ver e de sentir transmitido a partir dos relatos orais. Sendo assim, mergulhamos na individualidade, buscando resgatar emoções, sentimentos, ideias, temores ou desejos.

PALAVRAS-CHAVES: História; Memória; Testemunho.

“Na parede da memória essa lembrança
É o quadro que dói mais...”²
(Belchior, 1976)

¹ Estudante do sexto semestre de História da Universidade Regional do Cariri – URCA.

² Considerada um dos maiores clássicos da música brasileira, Como nossos pais é composição de Belchior, lançada no álbum Anunciação de 1976. A música retrata uma juventude desiludida, mas que espera dias mais esperançosos e mudanças sócio-políticas no país.

Não só de guerras e revoluções foi o século XX. No mesmo recorte temporal temos a catástrofe de Tchernóbil que se configurou como o maior desastre tecnológico até então registrado.

Na atmosfera foi lançado uma quantidade letal de material radioativo que contaminou uma vasta extensão territorial. Assim, o índice de radiação superava ao do bombardeio de Hiroshima e Nagasaki durante a Segunda Guerra. As explosões causaram perda de 23% do território de Belarús. A produção agrícola perdeu 264 mil hectares de terra.

As consequências da radiação são diversas e em virtude disso a taxa de mortalidade vem crescendo no país. E os números apenas crescem. Doentes de câncer, deficientes mentais, pessoas com disfunções neuropsicológicas e pessoas com mutação genética, são reflexos do acidente ocorrido no dia 26 de abril de 1986.

Após três dias, altos níveis de radiação foram registrados na Polônia, Alemanha e Romênia. No dia 30, Suíça e norte da Itália; nos três primeiros dias de maio França, Bélgica, os Países Baixos, a Grã-Bretanha, norte da Grécia, Israel, Kuwait e Turquia também registraram índices de radiação na atmosfera. Assim, em menos de uma semana, Tchernóbil tornou-se um problema de escala mundial.³

Após a notícia da explosão, foi ordenada a limpeza do local e medidas de contenção incêndio foram tomadas. Milhares de pessoas foram retiradas das áreas de perigo sem, contudo, serem avisadas da proporção que aquilo adquiria.

Por fim, uma assustadora quantidade de óbitos e anomalias indicava os efeitos da tragédia nuclear.

Sem dúvidas, o acontecido marcou a vida de milhares de pessoas. Através das vozes dos mesmos, Svetlana constrói a narrativa dos sobreviventes da tragédia. Com o senso de dever histórico, a autora dá voz às testemunhas do desastre.

A partir dos relatos construídos pelos sobreviventes, é possível perceber as relações de poder, aspectos do cotidiano e a construção de uma memória coletiva em torno do

³ Consequências do acidente de Tchernóbil na Belarús. Minsk, Escola Superior Internacional de Radioecologia Sákharov, 1992, p. 82.

acontecido. Sendo assim, é possível perceber como a tragédia foi vivenciada por cada um dos sobreviventes.

Neste breve ensaio, nos propomos a analisar a construção da memória traumática apresentada em dos monólogos apresentados no livro, analisando as formas de sentir da personagem sobrevivente do desastre e que permanece morando na zona proibida.

Dar voz ao não dito: elementos da memória presentes no monólogo sobre o que se pode conversar com os vivos e os mortos

O passado se configura em um lugar de conflitos⁴. De um lado temos a história, análise crítica do passado, do outro a memória, conhecimento do passado guiado pelo presente. Ambas se constituem enquanto modalidade de afirmação da consciência histórica, ambas referenciam objetos ausentes. Existe assim um compartilhamento entre ambas “nas suas motivações existenciais, nos seus objetivos e até nos seus métodos” (CATROGA, 2001, p. 56).

Assim, tendo a memória como representificação do passado, Svetlana usa do testemunho oral para dar voz aos sobreviventes da tragédia de Tchernóbil. Esse retorno ao fato nos mostra como o governo agiu em relação a explosão, percebemos traços do cotidiano antes dos personagens terem suas vidas roubadas de si, e ainda, as relações de poder na estrutura social.

É impossível reconstruir o passado tal qual ele foi como defendia os positivistas, é preciso selecionarmos um recorte temático bem como espaciotemporal, para assim construir explicações para o que se passou (ALBERTI, 2004).

Através dos monólogos, a autora pretende fazer uma recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu⁵, trazendo aspectos do cotidiano, suas experiências pós tragédia, como foi vivenciado tal episódio e como ficou gravado em suas memórias. Assim, o testemunho torna-se verdade capaz de reconstituir o passado, dando lugar

⁴ Para Beatriz Sarlo, 2007, nem sempre a história consegue acreditar na memória, e a memória desconfia de uma reconstituição que não em seu centro os direitos da lembrança (direitos de vida, de justiça, de subjetividade).

⁵ Alberti, 1990, p.5.

privilegiado em meio aos discursos do qual o mesmo não está inserido. Logo, a experiência prevalece sobre o conhecimento.⁶

A partir das entrevistas realizadas pela a autora, vozes doloridas, inconformadas, revoltadas, vão surgindo, onde os personagens apresentam suas histórias de vida, marcadas pela tragédia tanto no âmbito pessoal quanto coletivo. Em suas vozes percebemos a angústia trazida pela rememoração, uma vez que através da entrevista é possível vivenciar a experiência traumática da tragédia. Assim,

(...) o que fascina numa entrevista é a possibilidade de tornar a vivenciar as experiências do outro, a que se tem acesso sabendo compreender as expressões de sua vivência. [...] o tornar a vivenciar a experiência do outro nunca será completo [...] como nenhuma interpretação é completa, haverá sempre espaço para novas possibilidades, que, novamente, não darão conta da totalidade, e assim por diante [...] as entrevistas tem valor de documento, e sua interpretação tem a função de descobrir o que documentam (ALBERTI, 2004, p. 18-19).

O primeiro monólogo que citaremos aqui será o de Zínaida Kovaliénka, que no período da entrevista ainda residia na zona proibida, ou seja, Tchernóbil, intitulado *Sobre o que se pode conversar com os vivos e com os mortos*.

Através de sua voz observamos o quão pouco as vítimas sabiam das consequências danosas da radiação, se quer sabiam do que realmente se tratava, acreditavam que era uma doença que causava uma morte acelerada a quem contraísse. Não tinham medo, pois presenciaram resquícios dos elementos radioativos na terra enquanto faziam suas colheitas. Assim, a indignação quando as autoridades interditaram o local é clara. São tirados de suas casas, impedidos de exercer suas funções porquê? Não fazia sentido, isso tinha sido a vida deles até esse momento, não sabiam fazer outra coisa, é tanto que para uns pareceu desgraça, para outros, piada.

Nós não tínhamos nenhum grande medo da radiação. Se não tivéssemos visto, se não soubéssemos o que era talvez sentíssemos medo; mas, como vimos, não nos pareceu tão terrível assim. A polícia e os soldados pregaram tabuletas. Em cada uma, perto das nossas casas ou na rua, escreviam: setenta Curie, sessenta Curie. Sempre vivemos de nossas

⁶ Rousso, 2016, p.15.

batatas, da nossa colheita e, de repente, dizem: é proibido! E não nos permitem colher cebolas e cenouras. Para alguns pareceu desgraça, para outros, piada. Éramos aconselhados a trabalhar a horta com mascaras de gaze e luvas de resina. E a enterrar a cinza do forno. Enterrar a cinza! Ah-ah-aha! (Zínaida Kovaliénka, residente na zona proibida).

O relato de Zínaida é marcado por uma lembrança vívida porem as vezes não o traz com tanta consistência. A medida em que começa a narrar vai lembrando fatos novos que vão enriquecendo o seu discurso. *Agora me lembro; eu me lembro de tudo; lembrei de outra história*, são palavras que marcam o seu relato. Sobre isso, Catroga nos fala que

A recordação tende a esquecer do esquecido que ela mesma constrói, sendo uma espécie de ponta de *iceberg* que emerge do subconsciente ou inconscientemente recalcado. E se, pelas suscitações do presente, parte deste pode ainda vir a ser lembrado, convém frisar que a memória estará sempre ameaçada pela amnesia, permanente direito de portagem que a *anamnesis* tem de pagar ao esquecimento (CATROGA, 2001, p. 47-48).

A partir da recordação é possível dá novas versões ao passado, logo se essa re-presentificação não for praticada, a memória se degradará com a ação do tempo. Assim, a memória só executará sua função social por meio de ritos próprios que visem o processo de reavivamento da memória, tendo em vista que só por meio de *traços-vestígios*⁷ do passado é capaz de estimular. Logo, não há representação da memória sem traços, ou seja, qualquer vestígio humano, produzido voluntária ou involuntariamente.

Podemos ainda, através do testemunho de Zinaída, perceber a função dos ritos de recordação a partir dos lugares de memória. O lugar em questão é o cemitério. Lá ela se sente acompanhada por seus familiares que aí estão sepultados. Os recorda saudosamente, e, em meio a sua solidão julga-se capaz de conversar com os mesmos. Sua voz nos deixa claro essa nostalgia, bem como esse sentimento de pertença ao lugar.

Vou ao cemitério. A minha mãe está lá. A minha filhinha pequena... O tifo a consumiu durante a guerra. Assim que a depositamos na sepultura, o sol saiu detrás das nuvens. Brilhava tanto... Dava vontade de voltar a desenterra-la. Também o meu marido está lá. Fidia. Eu me sento perto de todos eles. Suspiro. E ate posso falar com eles, tanto com os vivos

⁷ CATROGA, 2001, p. 48.

quanto com os mortos. Para mim não há diferença. Ouço tanto uns quanto os outros. Quando você está só... E quando esta triste. Muito triste... (Zínaida Kovaliénka, residente na zona proibida).

Os ritos de recordação desempenham assim, um papel importante na vida de Zinaída, pois a mesma já não tem com quem conversar e encontra no cemitério os seus familiares e também vizinhos que se foram devidas as consequências danosas da radiação. A visita se constitui em um significado simbólico a morte de seus entes queridos.

“Houve um tempo em que vivíamos felizes”. Assim, a sobrevivente de Tchernóbil relembra os tempos antes do desastre nuclear que ceifou a vida de todos que viviam ao seu redor. Entoavam canções, dançavam, tocavam acordeom. Agora tudo é tristeza, parece uma prisão sem grades. Relembra de tempos idos e põe-se a chorar.

A memória, reavivada pelo rito, também tem um papel *pragmático* e *normativo*. Em nome de uma história, ou de um patrimônio comum (espiritual e/ ou material), ela visa inserir os indivíduos em cadeias de *filiação identitária*, *distinguindo-os* e *diferenciando-os* em relação a *outros*, e impor, em nome da identidade do *eu*, ou da perenidade do grupo, deveres e lealdades endógenas. Para isso, o seu efeito ritual tende a traduzir-se numa *mensagem*. E esta, ao unificar recordações pessoais, ou memória colectivas, constrói e conserva uma *unidade* que domestica a fugacidade do tempo num presente que dura (CATROGA, 2001, p. 49-50).

Por fim, o monólogo termina com a depoente expressando sua imensa tristeza. É seu desejo que as pessoas saibam da história, mas sobretudo do que o desastre de Tchernóbil lhe custou. A narração de sua experiência demonstra a presença real do sujeito em cenas do passado. Assim, a partir da verbalização de suas experiências, rompe-se com o imediatismo do fato bem como em seu esquecimento e transforma no comunicável, isto é, no *comum*.⁸ Neste sentido, a narração possibilita o surgimento de novas temporalidades, ou seja, a do momento de sua rememoração. Essa temporalidade, a cada repetição vai variando e se atualizando.

Assim, analisando este monólogo por das sensibilidades, podemos compreender como a tragédia foi vivenciada por Zinaída Kovaliénka e como, partir disso ela passa a

⁸ SARLO, 2007, p. 25.

perceber sua realidade e atribuir novos valores ao mundo que a cerca. A partir das sensibilidades é possível resgatar as representações que compõe o imaginário social.

Trabalhar com sensibilidade é mergulhar na individualidade, o que não quer dizer, porém, que as mesmas são intransmissíveis. A mesma pode ser transmitida uma vez é uma construção social e histórica.

É a partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, ideias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que esta tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de uma determinada época. Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos através da sua inserção no mundo social, na sua relação com o outro (PESAVENTO, 2007, p. 14).

Portanto, as sensibilidades se configuram como formas de apreensão e conhecimento do mundo que preexiste a razão, está além do conhecimento científico, anterior a reflexão, calcada nas sensações e emoções. A sensibilidade seria a manifestação do pensamento e do espírito pelo qual aquela relação originária é organizada, interpretada e traduzida. Mediante esse processo, as sensações se transformariam em sentimentos, afetos, estados da alma, ou seja, os momentos da percepção (PESAVENTO, 2007).

A percepção se dá a partir da apreensão e reconhecimento do mundo, onde as sensações são organizadas e interpretadas a partir de bases de bases de apoio. Deste modo, a sensibilidade consegue, a partir da evocação do passado, ou ao rememorar uma sensação, reproduzir a experiência do vivido, a partir da presença do sentimento.

Conclusão

No fim, percebemos a importância do relato para a reconstrução do passado de Tchernóbil através do depoimento de Zínaida Kovaliénka. Assim metodologia da história oral foi de suma importância para dar voz a história que até então não circulava na mídia.

Diferente do pensamento positivista do século XIX, não somos capazes de representificar o passado tal qual ele foi. Logo, na incapacidade de o abarcamos por inteiro, necessitamos selecionar os acontecimentos e situá-los no tempo e no espaço bem como delimitar um tema e um problema gerador. Nesse sentido,

Uma entrevista de história oral não é exceção nesse conjunto. Mas há nela uma vivacidade, um tom especial, característico de documentos pessoais. É da experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro: aquele que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu – e, por isso dá vida a – conjunturas e estruturas que de outro modo parecem tão distantes. E, ouvindo-o falar, temos a sensação de ouvir a história sendo contada em um contínuo, temos a sensação de que as discontinuidades são abolidas e recheadas com ingredientes pessoais: emoções, reações, observações, idiossincrasias, relatos pitorescos (ALBERTI, 2004, p. 14).

O fascínio do vivido está justamente na possibilidade de reviver o passado através da experiência do entrevistado. Assim, a entrevista nos revelara fragmentos do passado a partir dos quais temos a sensação de estamos de volta ao passado. O trabalho na história oral é *a recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu*.⁹

Por meio da entrevista, temos a possibilidade de tornar a vivenciar as experiências do outro, porém, essa vivência nunca será completo, pois, *a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado*.¹⁰

A história oral toma o indivíduo como valor, o mesmo é tido como o principal personagem que por ser um ser único e singular, seria capaz de explicar e dá sentido as práticas, representações e modos de ser em nosso mundo.

⁹ ALBERTI, 1990, p. 5.

¹⁰ POLLAK, 1992, p. 4.

Referências

ALBERTI, Verena. Ouvir Contar: Textos em História Oral. Rio Janeiro: Editora FGV, 2004.

_____. História Oral: a experiencia do CPDOC. Rio de Janeiro, FGV, 1990.

ALEKSIÉVITCH, Svetlana. Vozes de Tchernóbil. Tradução, Sônia Branco. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

CATROGA, Fernando. Memória e história. In: PESAVENTO, Sandra. Fronteira do Milênio, Porto Alegre. Ed. da Universidade. 2001.

HARTOG, François. Regimes de historicidade: presenteísmo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.]

PESAVENTO, Sandra; LANGUE, Frédérique (org.). Sensibilidades na História: memoriais singulares e identidades sociais. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-2012.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p. 3-15.

ROUSSO, Henry. A ultima catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo. Tradução de Fernando Coelho, Fabricio Coelho. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2016.

SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução Rosa Freire d'Aguilar. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.